
Corporalidades em trânsito e audiovisuais em rede: fricções entre performances e performatividades em Bixa Preta¹

Morena Melo DIAS²
Universidade Federal da Bahia

Resumo

Proponho um olhar sobre os conceitos de performance (TAYLOR, 2013) e performatividade (BUTLER, 1998), como entradas e possibilidades de depuração sobre o caráter construído do gênero. A articulação é posta em relação, aqui, com a ideia de alteridade trabalhada por Judith Butler (1998), considerando o atravessamento de relações de poder à constituição dos sujeitos em um continuum que envolve oportunidades permanentes de ressignificação e disputas à norma. A partir disso, articulo uma série de audiovisuais em rede (GUTMANN, 2021) vinculados ao videoclipe Bixa Preta de Linn da Quebrada, observando como a artista agencia performatividades acionando mobilizações dos gêneros musicais, nas suas relações com os espaços da cidade.

Palavras-chave

Linn da Quebrada; Audiovisual; Performance; Performatividade; Gênero Musical.

Introdução

O percurso desenhado neste artigo está entrecruzado com o percurso da dissertação de mestrado “Eu aceito o lacre em minha vida”? Articulações entre gênero musical e identidade de gênero (2021). Trago um fragmento da análise para este artigo, para discutir questões que seguem me instigando na pesquisa. Nas páginas que se seguem, busco compreender como Linn da Quebrada agencia performatividades acionando os gêneros musicais aos quais se vincula no videoclipe Bixa Preta, que aparece como um disparador de uma rede de audiovisuais. Rede esta compreendida, aqui, a partir da noção de Gutmann (2021) como um fluxo que se articula nas ambiências digitais, entrelaçando sujeitos, corporalidades e identidades em expressões comunicacionais agenciadas em processos que deixam ver disputas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPE). Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Pesquisadora do CHAOS – Cultura Audiovisual, Historicidades e Sensibilidades e do LAMA - Laboratório de Análise de Música e Audiovisual. E-mail morena.melo@gmail.com.

Lanço o olhar para as corporalidades e relações de poder friccionadas para entender as instabilizações das identidades de gênero agenciadas nos audiovisuais, em suas relações com os gêneros musicais acionados pela artista.

Para fins de análise, aciono uma articulação entre as noções de Taylor (2013) e Butler (2019) sobre a performance e a performatividade respectivamente. Proponho um olhar sobre os conceitos de performance e performatividade ancorado na perspectiva de multiplicidade de Deleuze e Guattari (2016), considerando os conceitos como contornos dos acontecimentos que “não se confunde com o estado de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 42). Nesse entendimento, o conceito “não se refere ao vivido [...] mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado das coisas. Cada conceito corta o acontecimento, o recorta a sua maneira” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 43). Lançando luz sobre aspectos do acontecimento, os conceitos trabalham de maneira conjunta, permitindo a articulação e rearticulação das relações de poder que atravessam os sentidos.

Para adentrar nas relações entre a performatividade e a performance e, finalmente, na análise, a compreensão de multiplicidade proposta pelos autores é posta em relação, aqui, com a ideia de alteridade trabalhada por Judith Butler (1998). Com esse movimento, discuto as possibilidades de abertura nas performances, tomando-as como catalisadoras de performatividades.

Colocar a performatividade em perspectiva com a performance convocada pela música, desvela a dimensão construída das identificações de gênero entrelaçada às lógicas dos gêneros musicais. Por vezes, reforçando quadros de valor (JANOTTI, 2003), mas outras vezes disputando-os. Com isso, proponho olhar para as aberturas, levando em conta a observação das contingências, as reiterações de normas convocadas pelos gêneros musicais. Nesse percurso, emergem as falhas, as rupturas e tais possibilidades de multiplicidade.

Busco compreender como a performance de Linn da Quebrada lança mão de continuidades e rupturas nos agenciamentos dos gêneros musicais sobre as identidades de gênero, o que implica considerar como essa corporalidade transgênero negocia e desloca as noções de masculino/feminino, além dos gêneros musicais em que se insere, desestabilizando as supostas fronteiras que conformam certos sentidos.

Notas sobre performance e performatividade

Diana Taylor (2013) sugere dois operadores analíticos para pensar a performance, o arquivo e o repertório. A autora propõe que a dimensão arquivada da performance sustenta o poder, a curadoria dos museus, os registros em jornais, livros, o cinema. Entretanto, o repertório seria da ordem de imaginários, conjuntos de possibilidades culturais que não se baseiam na língua para transmitir comportamentos. A performance seria da ordem da incorporação, por meio de comportamentos restaurados. Seguindo em frente nessa argumentação, Taylor afirma que sua ideia de performance se distancia da proposta de Butler sobre performatividade, pois a segunda reduziria a subjetividade e a agência cultural à prática discursiva normativa. Para Taylor, seria “tarde demais para trazer de volta o performativo para o reino não discursivo da performance”.

A pontuação da autora está localizada em um período em que a discussão proposta por Butler em *Gender Trouble (1990)* ainda parecia turva, gerava bastante dúvida e duras críticas sobre uma suposta desconsideração da materialidade dos corpos. *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*, de Diana Taylor, foi publicado em 2003 e, apenas em 2011, Butler publicou *Bodies that matter*, retomando a discussão sobre performatividade e pontuando a dimensão incorporada da performatividade, entendendo o corpo como um operacionalizador desse processo. Nesse sentido, me aproprio aqui dessas noções, de modo complementar, para pensar a identidade de gênero em articulação aos gêneros musicais no videoclipe Bixa Preta – observado como disparador de uma rede - atentando aos elementos performativos das corporalidades em discussão e como eles são agenciados pelos quadros de valor (JANOTTI, 2003) dos gêneros musicais aos quais se vinculam.

Butler fala sobre o processo de identificação e diferenciação, aproximando-se de Derrida, para propor uma abertura em relação às diferenças com o reconhecimento de uma alteridade, se afastando do que chama de uma metafísica da identidade para afirmar que, se a constituição dos sujeitos é atravessada por relações de poder e esse poder não se interrompe, é produzido continuamente, então, o sujeito se constitui em uma oportunidade permanente de ressignificação, em uma teia de possibilidades de rearticular o poder.

[...] afirmar que o sujeito é constituído não é dizer que ele é determinado; ao contrário, o caráter constituído do sujeito é a própria pré-condição de sua capacidade de agir. Afinal, o que permite uma reconfiguração significativa e consciente das relações culturais e políticas senão uma relação que pode ser virada contra si mesma, retrabalhada, resistida? (BUTLER, 1998, p.22)

Como ferramentas de abertura para a multiplicidade e a alteridade, proponho, em um movimento iniciado na dissertação, que a performance deixa ver performatividades na música, o caráter construído do gênero (*gender*), suas rearticulações, assim como as suas reiterações nessas teias de relações que emergem nos audiovisuais em rede (GUTMANN, 2021).

Vejo as performances como catalisadores de performatividades, partindo da ideia que o catalisador, que se origina do Grego *katálysis* e significa “decomposição”, tem a capacidade de acelerar as reações químicas sem alterar a composição dos seus reagentes. Acredito que olhar esses audiovisuais *como* performance traz a possibilidade latente de perceber performatividades, performatividades estas que são mais difíceis de serem acessadas em suas minúcias no cotidiano, por estarem demasiadamente incrustadas na sociedade.

É possível observar a agência de performatividades mobilizadas pelos gêneros musicais no videoclipe *Bixa Preta*, de Linn da Quebrada, atentando para o que o videoclipe nos deixa ver sobre o caráter construído do gênero, agenciado pelo gênero musical. Interessa aqui observar quais relações de poder essas corporalidades informam.

Me interessa compreender como a performance de Linn da Quebrada lança mão de continuidades e rupturas nos agenciamentos dos gêneros musicais sobre as identidades de gênero, o que implica considerar como essa corporalidade transgênero negocia e desloca as noções de masculino/feminino, além dos gêneros musicais em que se insere, desestabilizando as supostas fronteiras que conformam certos sentidos. Busco, então, observar a agência de performatividades mobilizadas pelos gêneros musicais no videoclipe *Bixa Preta*, de Linn da Quebrada.

Lin da Quebrada, Linda Quebrada

A partir do videoclipe *Bixa Preta*, inscrito em um quadro de valor vinculado ao funk, vejo o acionamento de questões diferentes, como a violência e a exposição do corpo. Com *samples* fortes e repetitivos e uma percussão bem marcada e dançante, Linn da Quebrada aciona o funk e agencia a identidade de gênero pela chave da periferia. Antes de observar o videoclipe em questão, é importante pontuar a relação entre o funk e o contexto de violência e pobreza no Rio de Janeiro, assim como a tentativa de criminalização do gênero musical, que já foi discutida inúmeras vezes em espaços

institucionais da política brasileira, como o Congresso e o Senado³. Em uma observação inicial da operação *performance/performatividade*, considero aqui o videoclipe da referida música inserido no contexto do show de lançamento de seu álbum de estreia *Pajubá* (2017), no documentário *Bixa Travesty* (2019)⁴.

Afirmando sua identificação como “terrorista de gênero”, conforme costuma declarar em entrevistas, apresentações e nos sites de redes sociais, Linn da Quebrada aciona a violência de um outro lugar do funk. Enquanto canta “*Bixa estranha, louca preta da favela. Quando ela tá passando todos riem da cara dela. Mas, se liga macho, presta muita atenção, senta e observa a sua destruição*”, Linn dança com movimentos bem marcados, que acompanham a percussão forte da música.

Ao falar sobre a estranheza da sua corporalidade *trans* e *preta* Linn convoca a discussão sobre a alteridade da mulher negra. Conforme bell hooks (1995), se à mulher, de modo geral, recaem formas de deslegitimação forjadas em discursividades sobre a sua proximidade com a natureza, o misterioso e o incontrolável, isso se torna ainda mais grave para as mulheres negras, porque aos negros, de um modo geral, as características físicas são vinculadas a ideias de primitivismo e animalístico.

No refrão “*Bixa pre trá trá trá trá*”, a artista movimenta a mão como se estivesse segurando uma arma. A coreografia se repete a cada “trá” cantado, simulando tiros que se direcionam à destruição da categoria cultural e social homem heterossexual vinculada a uma estrutura opressora. O figurino faz uma referência aos Secos e Molhados, com um tecido vazado que mostra a pele de Linn, colares e brincos metálicos e uma luva usada por Ney Matogrosso no videoclipe de *Flores Astrais*⁵ (1974). No documentário *Bixa Travesty*, Linn diz que a luva é uma espécie de amuleto.

³ Uma série de iniciativas populares e de políticos tentou criminalizar o funk no Brasil, em uma delas, a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado negou o pedido de iniciativa popular de tornar o funk um crime à saúde pública de crianças, adolescentes e à família. Disponível em <<https://www.istoedinheiro.com.br/baile-funk-entra-na-pauta-da-camara/>> Acesso em: janeiro 2021.

⁴ Disponível no trailer do filme <<https://www.youtube.com/watch?v=egIqHTajnuQ>>. Acesso em: janeiro 2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t63MPf1daCA>>. Acesso em: janeiro 2021.

Figura 1 - Ney Matogrosso em apresentação com o grupo Secos e Molhados



Figura 2 - Linn da Quebrada em performance Bixa Preta



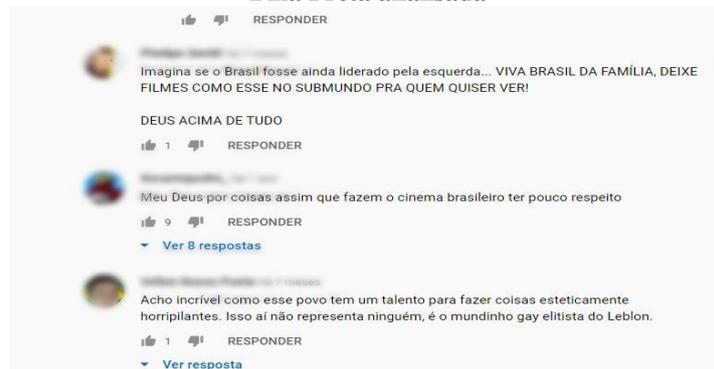
Sobre a identidade de gênero, é possível dizer que a artista aciona o quadro de valor do tema da violência no funk para destruir a própria cisão binária masculino/feminino. Sua corporalidade evoca elementos que disputam a noção de feminino, afirmando a identificação “bixa” como um território habitado por corporalidades associadas a uma ideia de periferia, que transitam entre o masculino e o feminino, em um percurso que disputa múltiplas possibilidades de existência e abertura do gênero, ao tempo em que são submetidas a processos de abjeção, como podemos ver nos comentários abaixo.

Em um dos comentários, o documentário é vinculado à esquerda em um movimento de disputa que toma a política institucional como epicentro da ideia defendida pelo usuário, em uma sugestão de que, se o Brasil fosse governado pela esquerda, mais conteúdos como este seriam produzidos. Em seguida, o *hater* diz que “deus está acima de tudo”, descredibilizando o documentário, ao colocar que *Bixa Travesty* se distancia do que se compreende de modo dominante como deus. O comentário se localiza em uma

vinculação com o cristianismo, que deslegitima as corporalidades dissidentes, inferindo uma oposição binária à família - o que se liga ao pensamento fundamentalista religioso e a intolerância relacionada à extrema-direita no Brasil. A própria Linn da Quebrada foi expulsa da igreja quando passou pelo processo de transição.

Um outro comentário tenta deslegitimar o trailer, em uma disputa por uma ideia de “cinema brasileiro”. No comentário seguinte, o *hater* julga o trailer como esteticamente horripilante. É interessante notar que, nos três casos, assim como nos demais comentários críticos, os temas levantados, como religião, política institucional e cinema brasileiro são acionados como um valor colocado em oposição à Linn da Quebrada. Nesse movimento, os próprios *haters* estão posicionando a artista e o documentário em vinculação com temas considerados progressistas e de esquerda, como a liberdade das expressões sexual e de gênero, em uma tentativa de deslegitimação que opera na reiteração da abjeção presente no roteiro sobre a transgeneridade no Brasil.

Figura 3 - Comentários no trailer do documentário Bixa Travesty, que contém a apresentação de Bixa Preta analisada



Em um movimento contrário, comentários de fãs enaltecem a artista e o documentário. Classificando Linn como “incrível” e “lenda viva”, fãs disputam o olhar sobre a corporalidade travesti de Linn da Quebrada, em um movimento contrário à abjeção. Também a qualidade do audiovisual é disputada quando um comentarista diz que o filme é “de arrepiar”.

Figura 4 - Comentários no trailer do documentário *Bixa Travesty*, que contém a apresentação de *Bixa Preta* analisada



Penso com Taylor (2013) que olhar os roteiros pressupõe uma observação da continuidade de certas práticas, que se conformam nos estudos de gênero como normas e naturalizações, integrantes de um projeto de poder. No caso das corporalidades dissidentes, esse projeto se concretiza na aniquilação dessas pessoas, com violências e apagamentos como as questões para o registro do nome social, a falta de atendimento de saúde que contemple as particularidades do processo de hormonização, por exemplo, além da ausência de proteção das leis do Estado, a violência enfrentada nas ruas, a expulsão de casa, a falta de vagas no mercado de trabalho que se destinem a essa população e tantos outros fatores que constroem essa abjeção. Nesse sentido, os comentários do vídeo no *YouTube* são compreendidos como parte dessa arena de luta.

Nesse ínterim, circular pelos audiovisuais que se juntam ao trailer de *Bixa Travesty* no *YouTube* é um exercício de se colocar diante de outros modos de transmitir conhecimento, de disputar memórias e possibilidades de existência. Em 2017, ano em que o álbum *Pajubá* foi lançado por Linn da Quebrada, o coletivo Afrobapho, formado por artistas negras e negros LGBTQIA+ de Salvador, fez um videoclipe em homenagem à artista. Intitulado como “Da quebrada”, o vídeo gravado na periferia de Salvador enaltece corporalidades dissidentes, com uma coreografia que se aproxima do funk, gênero musical acionado por Linn em *Bixa Preta*. É possível identificar também elementos da *street dance*⁶, com movimentos bem marcados e gestualidades do cotidiano, como o andar, sendo exploradas como dança.

⁶ Farias (2021) mostra diálogos com convenções do *street dance*, por exemplo, no acionamento de matrizes do canal FitDance, no *YouTube*, nas apropriações e reconfigurações audiovisuais da cidade em vídeos musicais e nas disputas de territorialidades construídas audiovisualmente a partir das relações entre gêneros musicais, identificações étnico-raciais e de gênero na música em Salvador.

Figura 5 - Videoclipe de Bixa Preta, em homenagem a Linn da Quebrada, feito pelo Coletivo Afrobapho em 2017



Figura 6 - Videoclipe They don't care about us, de Michael Jackson



Nos *frames* do videoclipe do Afrobapho, Da Quebrada, e do videoclipe de Michael Jackson, *They Don't Care About Us*, vemos a favela sendo explorada como cenário e uma dança que convoca elementos da *street dance* na relação da corporalidade com o lugar. Michel Jackson e a artista do coletivo afrobapho não estão à deriva pelas vielas, caminham com intenção, movem seus corpos para a ocupação daquele espaço. A câmera, por sua vez, traz convenções do olhar sobre a favela, ressaltando seus becos estreitos, que sobem além dos limites do enquadramento. O corpo embranquecido de Michel Jackson, em processos cirúrgicos para afilar o nariz, por exemplo, sua corporalidade muitas vezes próxima a uma recusa do binarismo e a sua trajetória declaradamente heterossexual, se contrastam com a exaltação à negritude e à

identificação LGBTQIA+ da dançarine do Afrobapho. Um contraponto tal que parece ressaltar a complexidade da música pop em seus atravessamentos de raça e identificação de gênero, que não cabem em uma unicidade ou em qualquer essencialismo.

Ao observar o videoclipe *They Don't Care About* como matriz cultural de *Da Quebrada*, vejo a força dos fluxos audiovisuais na ambiência digital, seus diálogos, referências e reelaborações, assim como uma memória incorporada que aparece na coreografia e que concretiza no corpo a confluência dos gêneros musicais nesse material. Em 2020, o Afrobapho fez um novo videoclipe em homenagem à *Bixa Preta*. Mais uma vez, o vídeo se junta a uma série de outros vídeos que podem ser encontrados no *YouTube* em referência à música de Linn da Quebrada, compondo uma rede de escrituras e reescrituras sobre a negritude, a identificação de gênero, os territórios e os gêneros musicais. Dessa vez, o vídeo aciona ainda mais fortemente o pop, em referências à *girl bands* que aparecem nas coreografias e na formação das dançarines.

Figura 7 - Videoclipe de Bixa Preta, em homenagem a Linn da Quebrada, feito pelo Coletivo Afrobapho em 2020



O lançamento de um novo vídeo agencia o aparecimento da música *Bixa Preta*, três anos após o seu lançamento, construindo novas memórias que falam sobre os audiovisuais em rede como narrativizações que envolvem as dimensões técnicas, sociais, estéticas e econômicas.

Nesse sentido, a ambientação comunicacional, em sua dimensão hiperconectada é um importante fator para pensar vínculos, territórios, escritas de si e roteiros nos audiovisuais em rede.

Nessa altura, é interessante observar a música pop como “uma nebulosa afetiva ou um maquinário em constante processo de reterritorialização” (JANOTTI JR, 2020,

p.2) que aponta para aspectos como a popularidade dos produtos culturais e seus aspectos cosmopolitas e transculturais. Pensar o acionamento do funk por Linn da Quebrada como performatividades em uma disputa que se estabelece pela performance ganha novas camadas quando seus videoclipes são enredados em uma teia de valores e estruturas de poder. O acento pop do funk reelabora as noções de funk e do próprio pop, assim como reelabora a favela, a periferia, a existência negra e LGBTQIA+ nesses espaços e, também, nas ambiências digitais.

Nos videoclipes de MCs do funk carioca, é possível observar uma constante objetificação de corporalidades femininas, com enquadramentos de câmera que indicam o olhar masculino, engendrado em uma cultura patriarcal, machista e misógina sobre o corpo da mulher, posicionado como objeto de desejo masculino. A favela aparece sob a égide dos famosos bailes funk, com a presença dos paredões de som no cenário. Em um diálogo da música pop com o funk, um arranjo diferente articula essas questões no videoclipe *Vai Malandra*, de Anitta.

Vai Malandra, pela chave de uma suposta diversidade em um sentido de estabilidade e sem evidenciar as assimetrias de poder, sugere um apaziguamento das diferenças em uma favela mítica tomada pela música, a dança e a comunhão entre pessoas diferentes, como o modelo ativista LGBTQIA+ Goan Fragoso e a funkeira Jojo Todynho, que fazem parte do elenco. No entanto, também é possível observar enquadramentos de câmera sobre as corporalidades femininas que dialogam com convenções de videoclipes do funk carioca, demarcando um olhar sobre as mulheres que infere objetificação.

Figuras 8 e 9 - Videoclipe de Vai Malandra, de Anitta com participação de Mc Zaac, Maejor, Tropicillaz e Dj Yuri Martins e videoclipe de Bumbum Granada, dos MCs Zaac e Jerry



O ambiente festivo e apaziguado que aparece nos videoclipes *Vai Malandra* e *Bumbum Granada* é questionado pela música *Bixa Preta*, que expõe a violência endereçada a corporalidades negras, com expressões de sexualidade e identificações de

gêneros dissidentes. Nesse fluxo, emergem, mais uma vez, os mecanismos de poder em articulação aos gêneros musicais, numa disputa que se dá em diálogo com convenções do audiovisual, das identidades de gênero e de uma formação discursiva sobre a periferia.

Na música de Linn da Quebrada, há uma exposição da opressão de gênero e raça na relação com a “quebrada”, a favela, a periferia. Na música, Linn demarca uma série de territórios simbólicos que falam sobre a sua origem e expõem os problemas de classe e raça entrelaçados aos processos de abjeção por sua identificação de gênero, “*Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada. Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada*”. Em um outro trecho, ressalta a raça como um dispositivo que a diferencia e convoca a resistência ao racismo⁷ quando diz “*a minha pele preta é meu manto de coragem*”. Sem apaziguamentos, operando pela chave do enfrentamento na relação com as violências e o território, no refrão, a cantora repete “*tra tra tra tra*” enquanto faz gestos que nos remetem às armas apontadas a corporalidades como a sua, em um movimento de explosão das estruturas de poder patriarcal, binária, heteronormativa e racista.

⁷ Um estudo intitulado A cor da violência policial: a bala não erra o alvo, realizado pela Rede de Observatórios da Segurança com dados de 2019 obtidos via Lei de Acesso à Informação, faz um panorama nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo e traz informações alarmantes sobre a letalidade destinada a corpos negros. Os dados apontam que, em 2019, 650 pessoas morreram na Bahia em operações policiais, dessas 474 eram negras. Em Pernambuco, das 74 pessoas mortas em operações policiais, 68 eram negras. No Rio de Janeiro, das 1814 pessoas mortas em operações da polícia, 1423 eram negras. Os números devem ser pensados em perspectiva com outros atravessamentos, como classe e gênero e fornecem um retrato cruel do roteiro disputado em Bixa Preta. Informação disponível em <http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Novo-Relat%C3%B3rio_A-cor-da-viol%C3%A2ncia-policial_a-bala-n%C3%A3o-erra-o-alvo.pdf>. Acesso em abril de 2021.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. Gender trouble, v. 3, p. 1-25, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"**. n-1 edições, 2020.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2016.

DIAS, Morena. **“Eu aceito o lacre em minha vida”?: articulações entre gênero musical e identidade de gênero**. f. 143. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

FARIAS, Daniel. **Engajamentos afetivos na música em Salvador: territorialidades que articulam gêneros musicais e identidades**. f. 218. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

GUTMANN, Juliana. **Audiovisual em rede: derivas conceituais**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

JANOTTI, Junior. Afeto, autenticidade e sociabilidade: uma abordagem do rock como fenômeno cultural. In: GOMES, Itania M. Mota & JACOB DE SOUZA, Maria Carmen. **Media & Cultura**. Salvador: Edufba, 2003.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Gêneros musicais em ambientações digitais**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: memória cultural nas Américas**. Editora UFMG, 2013.